

Da comunicação não-hegemônica ao coração das indústrias midiáticas: um programa de pós-graduação espelhado nas páginas de sua revista¹

*Waldemar Luiz Kunsch**

Resumo

Em 1978, nascia o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PósCom) dessa instituição que é hoje a Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Em seguida seria lançada a revista *Comunicação & Sociedade*, com o objetivo, de disseminar as idéias que começavam a fermentar na instituição, suscitando um debate criativo, inovador e construtivo no mundo das Ciências da Comunicação. Ao longo desses 25 anos, a revista tem sido porta-voz dessa plêiade de acadêmicos e profissionais que constituem o denominado Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo.

Palavras-chave: Pós-Graduação; Comunicação Social; Revista *Comunicação & Sociedade*.

Resumen

En 1978 nació el Programa de Posgraduación en Comunicación Social (PósCom) de la Universidad Metodista de São Paulo (Umesp). Poco tiempo después fue lanzada *Comunicação & Sociedade*, con el objetivo, de diseminar las ideas que comenzaban a fermentar en la institución, suscitando un debate creativo, innovador y constructivo en el mundo de las Ciencias de la Comunicación. A lo largo de estos 25 años, la revista ha sido portavoz de esta pléyade de académicos y profesionales que constituyen el denominado Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo.

Palabras-clave: Posgraduación, Comunicación Social, Revista *Comunicação & Sociedade*.

*Filósofo, Professor da Faculdade de Jornalismo e Relações Públicas da Umesp e da Faculdade de Comunicação Social do Uni-FiamFaam. Editor-adjunto da revista *Comunicação & Sociedade* desde 1999.

Abstract

In 1978, the Graduate Program in Social Communication (PósCom) of this institution, which today is the Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), was created. Soon later, *Comunicação & Sociedade* was launched, with the objective of spreading the ideas, which were starting to ferment in the institution, raising a creative, innovative, and constructive debate in the Communication Sciences world. Throughout these 25 years, this journal has been the speaker of this expressive group of faculty members and professionals who constitute the so called Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo (Communicational Group of São Bernardo do Campo).

Keywords: Graduate Studies, Social Communication, *Comunicação & Sociedade* journal.

Introdução

A revista *Comunicação e Sociedade* nasceu em julho de 1979, no mesmo ano em que começou a funcionar efetivamente o Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social do então Instituto Metodista de Ensino Superior (IMS). Divulgando análises e informações sobre temas, produtos e fatos das Ciências da Comunicação, é a mais antiga entre as revistas do gênero atualmente existentes no Brasil.

Desde sua origem, a publicação se norteou por princípios que, segundo Marques de Melo (2003b, p. 175-177), sustentam a continuidade, o prestígio e o êxito de uma iniciativa desse gênero. Trata-se de fatores como a interdisciplinaridade, que garante "frutífero diálogo entre acadêmicos situados em universos contíguos"; a opção não-eridógena, que evita sua transformação "em correias de transmissão de guetos a que estão vinculadas"; o "selo de revista plural", presente nas boas colaborações externas; e o incentivo a pesquisadores iniciantes, "revelando suas potencialidades aca-dêmicas".

Em sua trajetória, teve como diretores José Marques de Melo (1979-1984), Onésimo de Oliveira Cardoso (1985-1993) e novamente José Marques de Melo (1994-...). Seus editores foram Jaci Correia

Maraschin (1979-1982), Carlos Eduardo Lins da Silva (1983-1984), Wilson da Costa Bueno (1985-1993), Onésimo de Oliveira Cardoso (1994-1995), Sandra Reimão (1996-1999) e Adolpho Queiroz (2000-...). Mais recentemente, passou a ter também uma editoria-adjunta, assumida por Sandra Reimão (1994-1995) e Waldemar Luiz Kunsch (1999-...).

“Um retrato do que somos e temos”

“Nossa missão é incrementar o pensamento crítico sobre Comunicação Social no Brasil” (n. 17, 1991) e “contribuir com o desenvolvimento da reflexão acadêmica no setor de Comunicação Social” (n. 20, 1993, e n. 22, 1994), oferecendo aos pesquisadores e profissionais da área “textos que primem pela sua seriedade acadêmica e atualidade” (n. 27, 1997).

É perfeitamente possível abordar a história da revista *Comunicação & Sociedade* em função da evolução da nucleação temática por que foram passando as áreas de concentração da pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Na seqüência, faremos um pequeno apanhado de cada um dos momentos vivenciados pelo programa, para mostrar, embora de forma restrita, como as correspondentes estruturas acadêmicas se viram retratadas em *Comunicação & Sociedade*.

Fazendo a leitura da realidade

Num primeiro momento, quando de sua instalação, o PósCom tinha como áreas de concentração “Metodologia da comunicação” e “Comunicação empresarial”. O objetivo do Curso de Mestrado e, conseqüentemente, da revista, como se salientava no editorial do n. 1 (1979, p. 3), era “ser um espaço de diálogo” na formação de “pesquisadores e docentes para o magistério da comunicação social” e de “assessores ou gerentes de comunicação para grandes empresas”, conforme outro registro feito pelos editores no mesmo n. 1 (p. 183-184).

Marques de Melo (1983), em artigo no n. 9, relata como, no início, o programa tinha “uma preocupação científica com os fenômenos não-hegemônicos ou contra-hegemônicos da comunicação nas sociedades dependentes”. Isto decorria principalmente do fato de que o então Instituto Metodista de Ensino Superior era uma instituição encravada no ABC Paulista, onde à época, graças ao movimento operário, surgiam vigorosas e autênticas experiências populares de comunicação, que ofereciam motivação para despertar o interesse dos pesquisadores sociais. O PósCom-IMS tomou como parâmetro de sua produção de conhecimento “a elaboração simbólica das classes trabalhadoras, para compreender os seus próprios meios de expressão cultural e política e para entender os mecanismos de reelaboração intelectual dos produtos consumidos diretamente da indústria cultural” (p. 194). Além disso, o programa também procurou voltar-se para um campo de pesquisa diferente daquele que já era coberto por outras universidades, cujo interesse se centrava mais na análise dos processos hegemônicos de comunicação, desde as atividades da indústria cultural até a produção artística da elite intelectual. Marques de Melo esclarece, de forma precisa (p. 194):

Esse corte temático passava evidentemente pela tentativa de desvendar a trama ideológica intrínseca à comunicação dirigida às classes subalternas, como por exemplo os jornais de empresa, os programas de adestramento técnico-científico ou as campanhas de desenvolvimento comunitário. E naturalmente incluía os processos de comunicação religiosa, tanto na sua expressão eclesial quanto na sua manifestação popular, por ser um programa mantido por uma escola evangélica, de vocação ecumênica.

Na edição do vigésimo-quinto aniversário do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social e da revista *Comunicação & Sociedade*, um texto assinado por Cicilia Peruzzo (2003) representa um testemunho de particular significado, considerando-se que ele aborda “reminiscências da primeira mestre” a formar-se no programa, em 1981. Em sua dissertação, *Relações públicas no modo de produção capitalista*, a autora fez uma proposta de “relações públicas na contramão”, preconizando sua apropriação pelos

movimentos populares. Chegar às análises realizadas foi, segundo ela, um processo quase natural: “bastava ‘ler a realidade’”.

Marques de Melo (1983), não já citado artigo, relata como a revista *Comunicação & Sociedade* tem sido, já desde então, um espelho dessa fisionomia do programa, mostrando-se um veículo receptivo não apenas a professores e alunos, mas também a pesquisadores de outras universidades brasileiras e estrangeiras. Ele menciona as preocupações dominantes nas oito primeiras edições, cuja tônica é o confronto entre mídia massiva e comunicação alternativa: comunicação segundo Gramsci e Paulo Freire (n. 1); comunicação, comunidade e imaginário (n. 2); comunicação, política e participação (n. 3); comunicação, Igreja e pesquisa-ação (n. 4); comunicação na América Latina (n. 5); comunicação alternativa e cultura popular (n. 6); jornalismo científico e jornalismo brasileiro (n. 7); mulher, trabalho e comunicação (n. 8).

Divulgando e popularizando a ciência

Um segundo momento do PósCom-IMS pode ser visto nas inovações que se impuseram no final do primeiro triênio, para adequar melhor sua estrutura formal à fisionomia acadêmica de que o programa já vinha se revestindo. É propriamente dessa circunstância que dá conta o citado artigo de Marques de Melo (1983), como deixa ver o seu título (“Da comunicação popular à popularização da ciência”). Em certo sentido, reforçou-se a tendência original, com a criação, dentro do programa, do Núcleo de Estudos da Memória Popular do ABC, “uma sede de trabalho científico interdisciplinar para a formação de pesquisadores nos vários setores de estudos da cultura popular”. Mas, atendendo a recomendações dos órgãos de fomento à pesquisa e à pós-graduação, o PósCom também procurou explicitar e reorganizar as áreas de concentração que eram oferecidas.

A área de “Metodologia da comunicação” se manteve inalterada, mas direcionou-se mais claramente sua proposta, que passou a ser “formar docentes para o magistério da comunicação social e pesquisadores interessados no estudo dos fenômenos da comunicação em sociedades dependentes, principalmente da comunicação popular”. A segunda área, de “Comunicação

empresarial", foi completamente reestruturada, passando a chamar-se de "Comunicação científica e tecnológica", dentro da qual a comunicação empresarial, tanto na sua versão urbana (comunicação industrial) quanto na rural (comunicação agrícola) figura apenas como um dos componentes.

Marques de Melo relaciona e descreve cada uma das linhas de pesquisa que passaram a ser desenvolvidas pelo PósCom no triênio 1982-1984. A comunicação alternativa continuou tendo sua força, como já se mencionou a respeito do n. 10 (1983) de *Comunicação & Sociedade*, todo ele dedicado à "Comunicação no ABC". E, se algumas das linhas foram perdendo algo da significação que ainda tinham naquele momento (como a ênfase na "manipulação" inerente à mídia massiva), outras se veriam, depois, cada vez mais valorizadas. Cite-se, por exemplo, a divulgação científica, à qual, já no ano em que se fez essa reestruturação do programa, a revista reservara todo o n. 7 (1982), com seus dezoito artigos. Entre estes, de novo, as contribuições de autores "de fora", como Luiz Beltrão, Hugo Assmann, Manuel Calvo Hernando e Josué Muñoz Quevedo, além de ter sido "revelador o entusiasmo e a dedicação de alguns alunos, que submetem originais para publicação na revista", como relata Marques de Melo (1983, p. 189). A partir daí, a preocupação com o relacionamento entre cientistas e comunicadores sempre estaria na pauta do PósCom e de sua revista, sendo uma constante ao longo das diversas edições.

Reafirmando a missão e a visão de futuro

Um terceiro momento do PósCom seria uma nova atualização "em meados dos anos 1980", ensejada pela redemocratização do País. Marques de Melo (1999) dá conta desse fato mencionando artigo de Onésimo de Oliveira Cardoso (1988, p. 127-135), que o havia substituído. O programa, que vinha priorizando a comunicação dos movimentos populares e sua projeção na mídia massiva, passou a dar mais atenção à esfera pública governamental. Sua preocupação girava em torno da formação de docentes e pesquisadores para os emergentes cursos de comunicação social, além de enfatizar a preparação de profissionais de alto nível vocacionados para a divulgação científica e tecnológica.

No apanhado sumário de Melo, parece que a mudança não foi tão significativa em relação ao triênio 1982-1984, a não ser o fato de que se passou dar mais destaque à pesquisa relacionada com as políticas públicas. No entanto, se percorrermos as edições de 1985 a 1994, podemos perceber que, apesar de alguns problemas conjunturais que o PósCom e sua revista enfrentaram nesse período, *Comunicação & Sociedade* deixa patente, nos artigos publicados, que ambos continuavam fiéis à sua missão e à sua visão de futuro.

Redefinindo a identidade na conjuntura da globalização

Num quarto momento, o PósCom faria, em 1994, uma nova adequação de seu programa. Segundo Marques de Melo (1999, p. 165), depois de praticamente dez anos, tinha deixado de ter sentido centrar a pesquisa quase que exclusivamente nas políticas públicas, “numa conjuntura marcada pela dupla articulação das privatizações no setor das telecomunicações e da globalização no âmbito das indústrias audiovisuais”. Dessa atualização a revista traria um registro de doze páginas no n. 23 (1995).

Com a nova estrutura então implantada, já contemplando também o curso de doutorado a ser criado logo em seguida (1995), ampliou-se o universo dos estudos comunicacionais do PósCom, que foram agrupados em duas novas áreas de concentração, “Teoria e ensino da comunicação” e “Comunicação científica e tecnológica”, com suas diferentes linhas de pesquisa, que, por sua vez se subdividiam em algumas linhas temáticas, cada uma das quais foi confiada a um docente-pesquisador.

Caberia ao núcleo de “Teoria e ensino da comunicação” (1999, p. 172)

aprofundar estudos sobre os fenômenos sociais da comunicação, principalmente, sobre o impacto da indústria cultural na sociedade contemporânea, bem como sobre os processos pedagógicos que permeiam a formação dos profissionais nas faculdades de comunicação e a capacitação dos cidadãos para o exercício da democracia, construindo meios alternativos de comunicação.

O núcleo de "Comunicação científica e tecnológica" se destinaria a estudar os processos de popularização da ciência e difusão das inovações tecnológicas, dimensionando também as variáveis educativas e culturais que permeiam os fenômenos comunicacionais nas organizações complexas, bem como suas implicações mercadológicas (p.173).

Quem se dispuser a percorrer atentamente a revista *Comunicação & Sociedade* ao longo desse período da história do PósCom, verá que os textos reproduzidos de 1994 (n. 21) a 1999 (n. 32) podem ser perfeitamente classificados em função dessas novas áreas de concentração e de suas linhas de pesquisa e linhas temáticas. É um trabalho que envolve um esforço de organização e de exegese, pois, como nos quinze anos anteriores, a publicação ainda não tinha adotado uma distribuição metódica das contribuições recebidas. As únicas seções mais ou menos constantes eram as de resenhas e notícias. As demais matérias eram agrupadas sob um número maior de títulos ensejados por elas, quando não eram arroladas sob as rubricas de "outros temas", como no n. 26 (1996). Cada bloco era entendido como um "dossiê": a apresentação do número 23 (1995) chama literalmente de "primeiro dossiê" o conjunto intitulado "inter-relações", que abrange textos sem nexos muito definidos entre si, como "Uma comunidade cultural sem fronteiras físicas ou tecendo a identidade cultural luso-afro-brasileira", "A série *Orchestra* – música erudita na televisão" e "Tradutores e editores: adversários no mesmo time".

Uma das edições teve uma estrutura de conteúdos claramente delimitado pelas duas áreas de concentração adotadas pelo PósCom. Trata-se do n. 30 (1998), no qual as seções de "Estudos midiáticos" e "Comunicação científica" abarcam um total de doze artigos dos pesquisadores do programa sobre suas diferentes linhas de pesquisa, com o objetivo de tornar públicas as "identidades comunicacionais do PósCom", segundo o título estampado na capa. Nessa edição, não podia deixar de sobressair o artigo "Estudos de mídia no Brasil: identidades e fronteiras", pelo simples fato de ele se ter centralizado exatamente no núcleo da primeira área de concentração. O autor, José Marques de Melo (1998, p. 11), aborda sinteticamente a natureza e a trajetória desse campo, que, tendo adquirido perfil acadêmico no final da década de 1960 e, nas décadas

de 1970 e 1980, a fisionomia de um campo específico, situado na fronteira do sistema acadêmico e do sistema produtivo, começou a projetar-se na década de 1990. “Inventariar criticamente tais incursões no terreno da midiologia brasileira e ao mesmo tempo delinear as identidades que marcam os nossos sistemas midiáticos na conjuntura histórica da globalização tem sido o meu *leitmotiv* nesta fase de maturidade acadêmica”, diz o autor.

Outro caso especial foi o n. 25 (1996), todo ele sobre “o pensamento comunicacional latino-americano” (título da capa), com artigos abrangentes, além de perfis biobibliográficos “elaborados por doutorandos e mestrados em Comunicação Social no IMS, previamente selecionados pela SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) para apresentação na 48a. Reunião Anual, realizada na PUC/SP em julho de 1996”. No mais, sobressaem nas edições do período os aportes sobre os estudos de mídia, com destaque para as indústrias culturais, as novas tecnologias e o jornalismo. Quanto a essas três temáticas, chegou-se mesmo a dedicar edições inteiras ou a absoluta maioria do espaço à televisão (n. 24, 1995), ao jornalismo (n. 27, 1997) e à mídia eletrônica (n. 28, 1997).

Interessante observar que os títulos de capa das diferentes edições nem sempre se referem à totalidade do conteúdo do respectivo número. Às vezes são simplesmente uma chamada para um grupo de matérias que os editores desejam destacar. De qualquer forma, deixam entrever a presença de assuntos claramente correlacionados com as linhas de pesquisa e linhas temáticas do PósCom. Predominam as chamadas para tópicos da área de concentração de “Teoria e ensino da comunicação”, ocorrendo com relação à área de “Comunicação comunitária” só a menção à comunicação organizacional, objeto do dossiê do n. 32 (1999). Foi, aliás, com essa edição que se configurou de forma mais precisa a inserção, na revista, de “um dossiê sobre determinado assunto, explorando-o por meio de um conjunto de artigos de interesse”, como se lê na apresentação (p. 9).

Transitando em direção às demandas do novo século

Um quinto grande momento seria vivido pelo PósCom a partir de 2000, quando tanto o mestrado quanto o doutorado passaram a mover-se no espaço de uma única área de concentração, a de "Processos comunicacionais". Esta comporta duas linhas de pesquisa, com suas respectivas linhas temáticas: comunicação massiva (grupos midiáticos; cultura midiática; conhecimento midiático) e comunicação segmentada (comunicação científica; comunicação corporativa; educomídia).

As linhas temáticas compreendem diversos projetos integrados. Na linha de pesquisa de comunicação massiva, esses projetos são: história dos grupos de mídia e internacionalização midiática, para *grupos midiáticos*; transcodificação midiática, contexto de audiência e indústrias do entretenimento e do lazer, para *cultura midiática*; midiologia comparada, mídia local e comunitária, folkmídia e propaganda política, para *conhecimento midiático*. E na linha de pesquisa de comunicação segmentada: divulgação científica, políticas de ciências e tecnologia, comunicação científica da saúde e discursos da comunicação científica, para *comunicação científica*; comunicação empresarial, comunicação mercadológica na sociedade da informação e segmentação publicitária, para *comunicação corporativa*; teletrabalho, teleformação, telemática educativa e mídia educativa *on-line*, para *educomídia*.

É a estrutura que, já um pouco diferente do projeto apresentado por Marques de Melo no artigo "Vitalidade intelectual do Grupo de São Bernardo" (1999, p. 161-178), ainda vigorava quando da comemoração dos 25 anos do programa, embora com ligeiras adaptações. Anunciando essa mudança, feita de novo em função de uma "atualização histórica como estratégia acadêmica", num momento em que o programa atinge "sua maturidade acadêmica", dizia Marques de Melo (p. 168):

Trata-se de uma caminhada em direção aos processos culturais mediados por tecnologias midiáticas de difusão extensiva. Sem abandonar a preocupação com os micromeios, trataremos de avançar em direção aos aparatos de retro-alimentação simbólica que configuram a fisionomia da emergente sociedade da informação.

O que se teve em vista foi “evitar as desnecessárias tensões pedagógicas existentes nas antigas áreas de concentração,² neutralizando embates entre o teórico e o prático, o acadêmico e o profissional, o nacional e o global”. No novo espaço nucleador (processos comunicacionais), “se confrontam dialeticamente o industrial e o artesanal, o público e o privado, o tradicional e o pós-moderno, o internacional e o local” (p. 167). O autor concluiria, mais adiante (p. 170):

Desta maneira, possuímos todas as condições para fazer o trânsito em direção às demandas informacionais do novo século, preservando as utopias que nos caracterizaram historicamente como grupo acadêmico. Daí a vontade de explorar as potencialidades ensejadas pelos avanços tecnológicos, correspondendo às expectativas culturais de uma sociedade nacional que se globaliza sem perder os traços de suas raízes históricas.

As temáticas dessa nova estrutura em vigor desde 2000 foram contempladas de forma destacada nas edições de *Comunicação & Sociedade* publicadas nesse novo momento do PósCom. Além de textos sobre temas diversificados, todos muito pertinentes, a revista publica dossiês marcantes sobre telepolítica (n. 33), folkcomunicação (n. 34), comunicação e saúde (n. 35), fronteiras da comunicação (n. 36), processos jornalísticos (n. 37), matrizes religiosas e políticas do pensamento comunicacional brasileiro (n. 38) e relações públicas e contemporaneidade (n. 39). Ressaltem-se aqui os dossiês sobre comunicação e saúde (2001) e sobre folkcomunicação (2000), que assinalam a presença cada vez mais expressiva da Cátedra Unesco de Comunicação de Comunicação para o Desenvolvimento Regional no contexto do PósCom-Umesp.

Essa iniciativa remonta ao momento anterior do programa, quando, para fortalecer a pesquisa das Ciências da Comunicação, além de estruturar o curso de doutorado, ativado em 1995, também se pleiteou junto à Unesco uma das cátedras de Comunicação previstas para a América Latina, que seria instalada em 1996.

Para atender o objetivo declarado no seu nome, de buscar resgatar a utopia da comunicação para o desenvolvimento, a cátedra escolheu taticamente, como primeiro segmento balizador, a

comunicação para a saúde. A idéia começou a cristalizar-se com os trabalhos de um núcleo de pós-graduandos que se dedicaram a esse re-corte de pesquisa e, sobretudo com a ComSaúde – Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde, realizada anualmente desde 1998, que acabaria resultando na criação, em 2001, da ComSaúde – Rede Brasileira de Comunicação e Saúde.

O dossiê inserido no n. 35 da revista é um retrato da dimensão alcançada por esse projeto, que ultrapassa as fronteiras do País, integrando-se ao Proyecto ComSalud, da Organização Pan-Americana de Saúde. Ao lado dos artigos assinados pelos brasileiros Isaac Epstein e Wilson da Costa Bueno e pelos chilenos Lucía Castellón Aguayo e Carlos Araos Uribe, vale um destaque para o renomado pesquisador boliviano Luis Ramiro Beltrán (2001). Em seu texto, "Promoción de la salud: una estrategia revolucionaria cifrada en la comunicación", ele argumenta que a política de promoção da saúde formulada pelo acordo internacional de 1986 (Carta de Ottawa) "é a mais profunda, ambiciosa e complexa de todas que se têm formulado", constituindo, por isso mesmo, "o desafio maior que se tem apresentado até agora à criatividade e à competência dos especialistas em comunicação para a saúde" (p. 140).

Outro aporte significativo que a Cátedra Unesco trouxe para o enriquecimento das atividades do PósCom-Umesp é a Folkcom – Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada anualmente desde 1998 e que, como todos os grandes eventos da área de Ciências da Comunicação, esta revista tem focalizado sistematicamente. A expansão crescente dessa iniciativa levaria à institucionalização, em 2002, da Folkcom – Rede Brasileira de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação, à qual sua presidente, Cristina Schmidt, faz referência na presente edição de *Comunicação & Sociedade*, ao registrar as contribuições da VI Folkcom, que ocorreu em abril deste ano.

A folkcomunicação já comparece no projeto acadêmico do PósCom-Umesp desde a atualização feita em 1982. Mas foi com a série anual de conferências que a instituição passou a contribuir de forma destacada para a permanente revitalização dessa área genuinamente brasileira, inaugurada por Luiz Beltrão na década de 1960 e hoje legitimada não só entre nós, como também em outros

países latino-americanos e lusófonos. Trata-se de um campo de estudos que vem se consolidando dentro da área de Ciências da Comunicação, como escrevíamos no mencionado dossiê:

Não se fala ainda abertamente numa ciência da folkcomunicação, embora já se ache devidamente caracterizado o elemento-chave para que ela se torne uma ciência, ou seja, uma teoria da folkcomunicação, que pode ser, e é cada vez mais, comprovada pela aplicação de uma metodologia científica na análise das características comunicacionais das manifestações da cultura popular (Kunsch, 2000, p. 113).

Também merece um destaque o dossiê “relações públicas e modernidade”, cujos cinco textos “refletem a inquietação hodierna dos pesquisadores em buscar novos conhecimentos a respeito da disciplina e da prática das relações públicas em diferentes contextos geográficos” (Ferrari, 2003). Especialmente preparados para essa edição, eles são assinados pelos brasileiros Maria Aparecida Ferrari, Margarida M. Krohling Kunsch e Fábio França, tendo-se contado também com as contribuições do renomado pesquisador norte-americano James E. Grunig, além da holandesa Betteke van Ruler e do esloveno Dejan Vercic.

Outros dossiês significativos, nesse momento do PósCom, foram “matrizes religiosas e políticas do pensamento comunicacional brasileiro” (n. 38, 2002) e “fronteiras da comunicação” (n. 36, 2001). Neste último, em texto introdutório a uma bibliografia comentada sobre o campo da comunicação e suas principais áreas e subáreas, Fadul, Dias e Kuhn (2001, p. 113) diziam que, nos últimos vinte anos, os debates sobre a Comunicação como campo específico adquiriram importância na comunidade acadêmica. Desde os dois números temáticos da revista norte-americana *Journal of Communication*, “The ferment of the field” (1983) e “The future of the field” (1993), muitos textos foram publicados com o objetivo de examinar a consistência científica do campo.

O dossiê trazia, além dessa bibliografia, artigos de Klaus Bruhn Jensen (“Na fronteira: uma meta-análise da pesquisa sobre mídia e comunicação”), Horace Newcomb (“À procura de fronteiras no campo dos estudos de mídia”) e José Marques de Melo (“Conhecer-produzir-transformar: paradigmas da Escola Latino-Americana de Comunicação”).

De se notar, nos sete números editados nesse período, a expressiva presença de pesquisadores de fora dos quadros docente e discente do PósCom-Umesp. Sem fazer referência a resenhas e registros, mas contando tão-somente os 56 artigos reproduzidos, 28 autores são da Casa e 44, de outras regiões do Brasil (21) ou do Exterior (23), devendo-se levar em consideração que diversos textos são co-assinados. Os estrangeiros são procedentes do México (4), da Argentina (3), da Bolívia (3), dos Estados Unidos (3), do Chile (2), de Portugal (2), da Venezuela (1), do Paraguai (1), da Espanha (1), da Holanda (1), da Suécia (1) e da Eslovênia (1). Valha aqui esse registro para comprovar que, desde o início, a revista tem sido fiel a seu compromisso de não se constituir em uma publicação endógena.

O que a revista *Comunicação & Sociedade* focalizou com relação a esse período também pode ser observado na produção de dissertações e teses, como mostra Anamaria Fadul (2003, p. 107), em seu artigo no n. 40. Ela examina a "produção científica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo no momento em que este e a revista *Comunicação & Sociedade* completam 25 anos". Diz ela, nas conclusões, que "as mudanças iniciadas no programa em 1999 e consolidadas em 2000 (...) tiveram influência na produção acadêmica, que se traduziu na redução da dispersão temática observada anteriormente, permitindo uma produção orientada para áreas e sub-áreas de pesquisa mais definidas". E acrescenta:

Pode-se dizer que o programa apresenta uma grande ênfase na mídia, não tendo nenhuma linha ou projeto de pesquisa que enfatize a comunicação interpessoal, a retórica e argumentação e a comunicação nos pequenos grupos, no período estudado. Sua maior atenção está nos temas relacionados com a comunicação midiática. Poucos trabalhos referem-se a aspectos da comunicação que não são midiáticos.

Com o n. 28 (1997), *Comunicação & Sociedade* passou a divulgar sistematicamente os resumos das teses de doutorado e dissertações de mestrado defendidas no PósCom-Umesp no semestre anterior ao da publicação de cada número. Na edição comemorativa do

vigésimo-quinto aniversário do programa (n. 40, 2o. sem. 2003), ela registrava um total acumulado de 394 dissertações e 30 teses geradas desde, respectivamente, 1981 e 1997.³

“Nossa intencionalidade é o futuro”

“Esta revista não deverá ser apenas um retrato do que somos e temos. O que somos e temos engendra, naturalmente, o que poderemos ser e ter. Nossa intencionalidade, portanto, é o futuro” (n. 1, 1979). “São projetos cuja consolidação ainda não se completou. (...) Que a luta prossiga impetuosa, desbravando fronteiras, desvendando horizontes” (n. 12, 1984, p. 3).

Do que mostramos neste artigo é possível depreender como o PósCom do IMS e da Umesp tem cumprido o testemunho inicial dos editores da revista, de que sua intencionalidade “é o futuro” (n. 1, 1979, p. 3). E, também, como *Comunicação & Sociedade* tem retratado *pari passu* a evolução do programa, que por sua vez tem acompanhado a transformação da sociedade, que evolui dialeticamente. São aspectos que mereceriam ser explorados num projeto maior, exaurindo-se toda a riqueza do conteúdo desta publicação.

Marques de Melo (1999) fez uma análise da revista nas décadas de 1980 e 1990,⁴ vendo nas agendas dos dois períodos indicadores claros do processo de atualização histórica do Grupo de São Bernardo do Campo. “Verifica-se uma espécie de continuidade investigativa, embora os contextos sejam diferentes”, numa evidência de que os pesquisadores se mostram “sintonizados com as tendências que balizam sua interlocução com os produtores de conhecimento de grupos congêneres” (p. 172-173). No artigo que publicou na edição comemorativa, o autor corrobora estas suas considerações. Num texto muito denso, ele mostra como, além do pluralismo teórico, o grupo se tem pautado pela “preocupação consensual no sentido de produzir conhecimento utilitário, socialmente aplicável”:

Durante a década de 1980, a produção intelectual do grupo privilegiou o estudo e a reflexão a respeito daqueles processos comunicacionais não-hegemônicos. Nossos projetos de pesquisa deram atenção redobrada à mídia das classes subalternas, na tentativa de

compreender como as correntes majoritárias da sociedade, excluídas dos fluxos de poder, engendraram suas táticas de arregimentação simbólica ou nutriam suas aspirações culturais. As dissertações de mestrado dos nossos alunos dimensionaram intensivamente como capital e trabalho colidem, transacionam ou confluem no território midiático.

Findo o ciclo autoritário, quando decidimos enveredar pelas trilhas do doutorado, atualizamos nossas metas cognitivas, con-centrando o foco da análise no coração das indústrias midiáticas. Sem abandonar o ponto de vista do contingente culturalmente excluído, dirigimos nossas atenções para perceber como a mídia se apropria das aspirações coletivas. Transformando-as em produtos principalmente ancorados nas fantasias populares, ela deixou de influir no desenvolvimento intelectual da população. Daí o nosso interesse complementar no estudo daquelas mediações informais (folkcomunicação) ou institucionais (educomunicação, divulgação científica, comunicação empresarial), capazes de acelerar o apetite cultural das novas gerações, potencializando as novas tecnologias de difusão (Marques de Melo, 2003b, p. 16-17).

Cada pauta de *Comunicação & Sociedade* tem materializado, em suas secções de artigos, dossiês, resenhas, registros e documentação, essa fecundidade do projeto do PósCom, chegando mesmo a abordá-lo de forma concentrada, em edições especiais. Foi o caso do n. 30 (1998), em que os docentes do programa publicaram doze artigos que refletiam "pontos centrais de suas respectivas linhas de pesquisa, para que (...) servissem como uma apresentação e um raio-xis do atual estágio de pesquisas do curso" (p. 7). E é o que ocorre também com a edição comemorativa dos 25 anos, cujo dossiê, em palavras de Marques de Melo (2003b, p. 18-19), faz parte do esforço intelectual que o Grupo de São Bernardo do Campo vem fazendo, com a intenção explícita de visitar sua precoce ancestralidade, em momentos significativos. Trata-se de uma estratégia metodológica para perceber quais os indicadores capazes de guiá-lo coletivamente em direção ao futuro, sem negligenciar o pragmatismo utópico que nutre historicamente sua identidade acadêmica.

O que vale destacar, segundo outro texto de Marques de Melo (2003a), é que a trajetória do PósCom da Umesp tem sido marcada por um constante rejuvenescimento intelectual, que aparentemente o tem colocado no contrafluxo da produção comunicacional. O ajuste acadêmico às conjunturas sócio-culturais e político-econômicas tem situado o programa na dianteira da produção acadêmica, sem renunciar ao perfil vanguardista que o tem caracterizado institucionalmente. Nesse contexto, a revista tem desempenhado um papel importante, como já dizia, há cinco anos, o mesmo Marques de Melo (1999, p. 170):

A revista Comunicação & Sociedade tem sido uma espécie de vitrine intelectual do Grupo de São Bernardo do Campo e da sua interação com equipes congêneres. O interesse com que pesquisadores externos, de todas as gerações, disputam espaço em suas páginas, constitui um indicador da credibilidade conquistada junto à comunidade acadêmica da área.

Cada pauta de *Comunicação & Sociedade* tem materializado essa fecundidade do projeto do PósCom. Missão cumprida? Só em parte. “Esta revista não deverá ser apenas um retrato do que somos e temos. O que somos e temos engendra, naturalmente, o que poderemos ser e ter. Nossa intencionalidade, portanto, é o futuro”. É o que se registrava no editorial do n. 1 (1979). E que continua sendo o norte da instituição no editorial do n. 40 (Queiroz e Kunsch, 2003), comemorativo dos primeiros 25 anos do PósCom e de sua revista.

Notas

1. Trabalho apresentado ao XIV Endocom – Encontro de Ciências da Informação, no XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Intercom, realizado em Porto Alegre (RS), de 30 de agosto a 03 de setembro de 2004.
2. Que, como vimos, focalizavam temáticas erigidas em torno da “teoria da comunicação” (aplicada ao magistério superior) e das “práticas de comunicação (privilegiando a difusão científica e tecnológica).
3. A primeira dissertação foi defendida em 1981, por Círcia M. Krohling Peruzzo, com o título de *Relações públicas no modo de produção capitalista*. A primeira tese de doutorado foi *Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil*, de

Nivaldo L. Pessinatti, defendida em 1997. Na edição comemorativa dos 25 anos do PósCom, Pessinatti se faz presente com o artigo "Inovações em processo: lembranças do primeiro doutor".

4. Que podemos estender até a atualidade.

Referências Bibliográficas

BELTRÁN, Luis Ramiro. Promoción de la salud: una estrategia revolucionaria cifrada en la comunicación. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 22, n. 35, p. 139-158, 1o. sem 2001.

CARDOSO, Onésimo de Oliveira. Pesquisa nos anos 80: mestrado em comunicação social do IMS. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling. *A pesquisa brasileira de comunicação nos anos 80 e a contribuição da Intercom*. São Paulo: Intercom, 1988. p. 127-135.

COMUNICAÇÃO & SOCIEDADE. Apresentação. São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, a. 1, n. 1, p. 3-4, p. 183-184, 2o. sem. 1979; n. 23, 1995, p. 7; n. 32, p. 11-12, 1999.

_____. São Bernardo do Campo: PósCom-IMS/Umesp, n. 1-8, 10-12, 21, 23-28, 33-39.

FADUL, Anamaria. Matrizes comunicacionais: taxionomia de dissertações e teses – 1998-2002. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 25, n. 40, p. 95-108, 2o. sem. 2003.

FADUL, Anamaria; DIAS, Paulo da Rocha; KUHN, Fernando. Contribuições bibliográficas para a pesquisa sobre o campo da comunicação. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 23, n. 36, p. 111-140, 2o. sem. 2001.

KUNSCH, Waldemar Luiz. Uma contribuição para os estudos de folkcomunicação. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 34, p. 111-127, 2o. sem, 2000.

MARQUES DE MELO, José. Grupo Comunicacional de São Bernardo do Campo: pluralismo acadêmico e liberdade investigativa como alicerces institucionais do pragmatismo utópico. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 25, n. 40, p. 11-20, 2o. sem. 2003b.

_____. *Fortalecer o multiculturalismo: estratégia latinoamericana para enfrentar a globalização. Ação desenvolvida pela Cátedra Unesco de Comunicação do Brasil – 1996-2002. Relatório da Cátedra Unesco – 1996-2002. Paris, mar. 2003a.*

_____. Vitalidade intelectual do Grupo de São Bernardo: atualização histórica como estratégia acadêmica. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 21, n. 32, p. 161-178, 2o. sem. 1999.

_____. Estudos de mídia no Brasil: *identidades & fronteiras*. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 30, p. 11-50, 1998.

_____. Da comunicação popular à popularização da ciência. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-IMS, n. 9, p. 193-205, 1o. sem. 1983.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Tempo de ousadia: reminiscências da primeira mestre. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 25, n. 40, p. 21-37, 2o. sem. 2003.

QUEIROZ, Adolpho; KUNSCH, Waldemar Luiz. Editorial. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, a. 25, n. 40, p. 7-8, 2o. sem. 2003.

